EU TAMBÉM TENHO HISTÓRIAS: NARRATIVAS INVISIBILIZADAS QUE ECOAM DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Geovane Dias Menezes
Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, Bahia, Brasil
Escola Municipal Emília Mila de Castro
ghiovane2016@gmail.com
Eliana Cotrim Silva de Azevedo
Escola Municipal Emília Mila de Castro, Guanambi, Bahia, Brasil
elianaazevedo@edu.guanambi.ba.gov.br
Maria Aparecida dos Santos Rodrigues
Escola Municipal Emília Mila de Castro, Guanambi, Bahia, Brasil
cida.santosgbi@hotmail.com
Norma Cristina Teixeira Paixão
Escola Municipal Emília Mila de Castro, Guanambi, Bahia, Brasil
nctp50@gmail.com
Silvana Regina Teixeira Soares Amado
Escola Municipal Emília Mila de Castro, Guanambi, Bahia, Brasil
silvanagbi187@gmail.com

EIXO 4: EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO, TRABALHO E AGROECOLOGIA, EDUCAÇÃO POPULAR; EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O TRABALHO DE EDUCAR EM E COM MOVIMENTOS SOCIAIS

Queridos(as) leitores(as),

Escrever com a certeza de que esta carta pedagógica será lida, e que o que ela tem a dizer contribuirá para transgredir com as potencialidades presentes na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é, sem dúvida alguma, interesse desse coletivo que a remete. Antes de tudo, é imprescindível que apresentemos um pouco sobre a EJA. E também dizer-lhes que esta carta pedagógica tem como objetivo dialogar sobre a importância da valorização das narrativas autobiográficas dos estudantes da EJA, narrativas que deram vida a um livro em nível de rede municipal; bem como evidenciar o privilégio em termos um livro construído com as histórias dos nossos estudantes.

Primeiramente, gostaríamos de dizer que o espaço educativo não é uma abstração. Ele é constituído pelos sujeitos que viabilizam a sua existência como: estudantes, professores, diretor, vice-diretor, coordenadores, familiares etc., corpos que configuram a Escola Municipal Emília Mila de Castro, e as relações que estabelecem entre si, inclusive, as de conhecimento, por meio de nossas propostas pedagógicas, curriculares, metodológicas, acesso a materiais, equipamentos, produção e bens culturais.

Quando pensamos em políticas de acesso e permanência, temos que levar em consideração que o Brasil não consolidou políticas públicas educacionais voltadas às camadas mais pobres e trabalhadoras da população. Somente a partir do século XX, com transformações no contexto político e econômico, surgiram iniciativas de alfabetização de adultos, impulsionadas, em grande parte, pela exigência do mercado de trabalho. Foi apenas com a promulgação da Constituição Federal de 1988 que a educação passou a ser reconhecida como um direito universal, assegurado a todos, independentemente de faixa etária, classe social, cor ou gênero. Com respaldo na Constituição Federal de 1988 e fortalecida pela Lei nº 9.394/96, Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a EJA passou a ser oficialmente reconhecida como política pública nacional, integrando o sistema de ensino como responsabilidade do Estado e garantia de direito para os cidadãos.

Caros(as) leitores(as), saibam que apesar disso, a EJA ainda enfrenta obstáculos significativos em todo o país, refletindo a dívida histórica do Estado com este segmento da população. Muitos desses sujeitos, que contribuíram com seu trabalho para o crescimento do Brasil, foram privados de uma educação de qualidade e, por isso, continuam excluídos dos espaços de participação social. Desse modo, valorizar e promover possibilidades para que esses sujeitos da EJA sintam-se valorizados, é indispensável quando se deseja uma educação com perspectiva e sentido.

Então, leitores(as), saibam que o livro intitulado *Narrativas autobiográficas dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos de Guanambi-BA*, é composto por 6 capítulos, e o primeiro deles é escrito pelos estudantes da Escola Municipal Emília Mila de Castro, escola esta que oferta a EJA 1, compreendendo os Estágios 1, 2 e 3, que se referem aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Modalidade. Seu público se constitui, na maioria, por pessoas

adultas e idosas, que sentem desejos de relatarem suas histórias, pois reafirmam que eles também têm histórias e elas precisam ser narradas. E segundo Arroyo (2017), as narrativas de vida dos estudantes demonstram perseverança e resiliência no processo formativo das trajetórias desses sujeitos.

Não podemos deixar de enaltecer a professora Dulina Dalva Pereira de Oliveira, a idealizadora do projeto, a qual foi até a escola inquietar e movimentar, para que as narrativas ganhassem vida, bem como seu parceiro de escrita e organização do livro Wilson dos Santos Pereira. Os nossos agradecimentos direcionam, também, às professoras doutoras, as quais escreveram o prefácio e o posfácio da obra: Tânia Regina Dantas e Sônia Maria Alves de Oliveira Reis. Não podemos aqui perder de vista e esquecer de dizer-lhes da importância das peças fundamentais para que o livro ganhasse forma. Então, meus caros leitores e minhas caras leitoras, nós professoras, coordenadores e diretores, a partir do projeto, empenhamos em trabalhá-lo e em ouvir os estudantes, os quais não sabiam escrever e sermos escribas de suas histórias, ou aqueles que escreviam e, mesmo assim, queriam que nós lêssemos e organizássemos suas memórias da melhor forma possível.

Inestimáveis, neste momento convidamos todos e todas à reflexão, pois nos dias atuais, é notório que os sujeitos que dominam a leitura e a escrita conseguem acessar lugares de privilégio em uma sociedade que, infelizmente, ainda exclui de forma significativa aqueles que não dominam essas habilidades. Diante dessa realidade, torna-se essencial refletir sobre o papel da cultura letrada no cotidiano escolar, especialmente no contexto da EJA, em uma realidade em que eles têm desejo de ler e escrever para lidarem com situações do dia a dia.

É nesse cenário que se insere a Escola Municipal Emília Mila de Castro, onde a maioria dos estudantes da EJA ainda enfrentam desafios no domínio da leitura e escrita. Cientes dessa condição, professores, coordenadores e a equipe gestora assumiram o compromisso de atuar como escribas, ou seja, como aqueles que se disponibilizam a dar forma e registrar, por meio da palavra escrita, as memórias e narrativas de vida desses educandos. Dessa forma, reafirma-se a importância de dar visibilidade a vozes que, por muito tempo, foram silenciadas.

Diante disso, nasceram as narrativas dos estudantes da Escola Municipal Emília Mila de Castro, que apresentam histórias de vidas singulares, mas que, ao mesmo tempo, se cruzam, dialogam e se entrelaçam por meio das experiências vividas. Assim, tais narrativas não apenas nos provocam e sensibilizam, como também nos convidam a refletir sobre a potência dos saberes que esses sujeitos carregam consigo ao adentrarem o espaço escolar.

Ademais, leitores(as), é preciso reconhecer que essas trajetórias, marcadas por lutas, resiliências e sonhos, não podem ser vistas como histórias de fracasso. Pelo contrário, como bem destaca Arroyo (2004), tratam-se de percursos marcados pelo desejo de aprender, de resistir e de existir com dignidade. A escola tradicional, por vezes, desconsidera essas vivências ricas em significados, mas aqui elas ganham espaço, reconhecimento e valor.

Portanto, convidamos vocês, leitores(as), a mergulhar nessas histórias carregadas de sentido, emoção e memória. Que cada trecho seja lido com atenção e sensibilidade, permitindo que as vozes desses educandos ecoem para além das paredes da escola. Que suas experiências possam inspirar outras e se tornem sementes de transformação. Conforme nos ensina Paulo Freire (1996), o conhecimento se constrói a partir das vivências dos sujeitos, e isso se intensifica no contexto da EJA. Ainda segundo Freire (1970), a educação deve ser um ato libertador, no qual os estudantes são instigados a refletir sobre sua realidade e a transformar o mundo em que vivem.

Assim, leitores(as), saibam que histórias que compõem o capítulo da Escola Emília são mais que relatos autobiográficos, são testemunhos de força, desejo e resiliência. São vidas atravessadas pela exclusão histórica, mas que encontraram na Educação de Jovens e Adultos um espaço de reconstrução e pertencimento. Os estudantes mostraram, com suas narrativas, que a escola é lugar de memórias, afetos e dignidade.

Manuel Reinaldo Rodrigues, 57 anos, por exemplo, relembra seu retorno à escola motivado pela vontade de se habilitar e compreender melhor a Bíblia. Para ele, *"surgiu a necessidade e desejo de 'tirar' a carteira de habilitação. Outro motivo foi a vontade de aprender a ler e entender a Escritura Sagrada"*. Seu desejo reflete o reconhecimento do valor social e espiritual do letramento. Aos 67 anos, *Tereza Maria de Jesus Souza* traz à tona a relação entre alfabetização e saúde emocional: *"Sempre tive vontade de frequentar a escola,*

de aprender a escrever e a ler. A escola é um lugar que me ajuda a 'clarear' a mente, não fico pensando em coisas ruins". Sua fala revela a escola como espaço terapêutico, de cura e de acolhimento.

Esperamos que estejam gostando das vozes dos nossos estudantes da EJA. *Ancelina Pereira Ribeiro*, de 60 anos, mostra que a busca pelo saber vem muitas vezes associada à fé e ao sentido de missão: *"Depois de tantos acontecimentos surgiu o desejo de ler a Bíblia para aprender mais da palavra de Deus"*. Em sua trajetória, estudar representa um gesto de conexão com a espiritualidade. Já *Laurindo Alves Nogueira,* 72 anos, carrega a memória de um sistema escolar excludente que o marcou com violência física e emocional. Ainda assim, ressignifica a escola como espaço de afeto: *"Hoje estudo na Escola Municipal Emília Mila de Castro, sou feliz aqui, porque também fiz muitas amizades, mesmo já tendo sofrido tanto no passado"*.

A mais idosa entre os citados, *Lucília Alves Nascimento*, 78 anos, resume com doçura o lugar da escola em sua vida: *"Eu venho todos os dias para a escola, aqui é o meu divertimento, adoro estudar"*. Seu relato quebra com estereótipos sobre envelhecimento e aprendizagem, reafirmando que nunca é tarde para recomeçar. *Miguel Alves Oliveira Neves*, de 53 anos, amplia essa ideia ao afirmar: *"Acredito que com o estudo eu vou poder entender o que é a vida, porque não sei o que é a vida ainda"*. Sua busca pela educação está ancorada em um desejo profundo de compreender o mundo e a si mesmo. *Hermelina Eremita Dias Ferreira,* com 57 anos, partilha os obstáculos vividos por quem não teve acesso à alfabetização na infância: *"Quero continuar estudando para meu futuro... Aprender a ler uma receita será muito bom. Quero saber entrar e sair dos lugares"*. Seu relato revela as consequências práticas da exclusão educacional.

Por fim, leitores(as), *Inês da Silva Nogueira*, que aos 66 anos, define com sensibilidade o lugar que a escola ocupa em sua vida: *"Hoje amo minha escola, que é minha vida, minha saúde. Quem tem oportunidade, principalmente os jovens, devem estudar"*. É a partir de palavras como essas, que percebemos o quanto a EJA resgata o direito de aprender e o poder de sonhar.

Essas vozes reafirmam que as histórias de vida dos(as) estudantes da EJA não são histórias de fracasso. São trajetórias marcadas por lutas, silêncios e renascimentos. Torná-las visíveis é uma forma de justiça histórica e de reafirmação de que a educação é, verdadeiramente, um ato político e libertador. Bem como ter a certeza de que a EJA tende a configurar-se, cada vez mais, como um projeto de educação popular dos jovens e adultos jogados à margem. Daí, podemos tirar uma conclusão: a EJA continua tendo sentido enquanto política afirmativa desse coletivo cada vez mais vulnerável. Não poderá ser diluída em políticas generalistas. Em tempos em que essa configuração dos jovens e adultos populares em vez de se diluir está se demarcando, cada vez com mais força, a EJA tem de assumir-se como uma política afirmativa. Vamos valorizar essa modalidade? Podemos contar com vocês?

Assim, deixamos um convite à leitura como um gesto de reconhecimento, respeito e valorização das histórias aqui narradas, histórias que, mais do que nunca, merecem ser contadas, lembradas e celebradas. Por enquanto, leitores(as), temos um compromisso político sobre o agir intencional para o processo de ensino-aprendizagem dos nossos aprendizes. Suas falas reverberam o que desejam e o que nós docentes temos como concepção de educação.

Com estima e esperança,
Geovane Menezes
Eliana Azevedo
Maria Aparecida
Norma Cristina
Silvana Regina

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos (EJA); narrativas; leitura e escrita; ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de jovens em conflito com a vida. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.